

NARCISISMO E HIPER- REALIDADE: UMA APROXIMAÇÃO

GUILHERME PAIVA SEIDEL¹

RESUMO

O transtorno de personalidade narcisista se apresenta não só como uma pandemia social mas também como parte fundamental da estrutura cultural globalizada. Considerando isto, é preciso mensurar em que medida a manutenção da Hiper-realidade e de estruturas de poder são sustentadas pela transformação da psiquê, como e em que medida essa psiquê se vê afetada pelo transtorno de personalidade narcisista. A intenção deste artigo é investigar em que posição no espaço social estão os dois eixos investigados, a natureza de sua relação e sua utilidade para a significação corporativa.

Palavras-chave: Narcisista; hiper-realidade; poder; significação corporativa.

ABSTRACT

The narcissist personality disorder presents itself not only as a social pandemic but also as a fundamental part of the global cultural structure. That said, it is needed to measure in which extent the Hiper-Reality and power structures maintenance is sustained by the psyche transformation, and in which extent this psyche is affected by the narcissist personality disorder. The intention of this paper is to investigate in which position in the social space the two concepts are, the nature of the relation between them and its utility for the corporate signification.

Keywords: Narcissist; Hiper-Reality, power, corporate signification.

¹ Bacharelado em Ciências Contábeis pela ESAGS e em Filosofia pela FFLH/ USP. Contato: guilhermepaivaseidel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Em um primeiro momento é preciso esclarecer o não raro engano acerca do significado conceitual de narcisismo e a dimensão psicológica que se pretende explorar. Na psicanálise, Jules Henry (1973) define o narcisismo como o esvaziamento de ideais quase completo do superego. Desta forma, o indivíduo se vê vulnerável aos impulsos e pulsões instintivas do Id, seu ego passa a adotar um papel teatral mimético dos mecanismos de controle da consciência. A personalidade narcisista, portanto, é incapaz de se identificar com uma personalidade além de si mesma, fruto da superexposição às ilusões manufaturadas da Indústria Cultural. O indivíduo, exposto a fragmentação Inter psicológica do real pós-moderno expressa na digitalização das formas de socialização, tem uma acelerada destruição intrapsicológica da ingenuidade e vontade necessárias para a construção de um superego consciente. O arcabouço referencial do superego torna-se carregado de um cinismo itinerante, alimentando-se de fantasiosas projeções da própria consciência sobre campos de projeção sugestivos.

Na pós-modernidade, essa sugestão beira a coercitividade. Segundo Adorno (1944), a captação da cultura pelo monopólio do modus operandi capitalista a transformou em uma commodity paradoxal, tão completamente sujeita a lei da troca que já não detém mais capacidade inerente de produção. Em termos psicanalíticos e considerando o escopo definido, podemos definir a cultura contemporânea como uma zona de autorreferencia contínua, frágil e vazia o suficiente para que sirva de insumo as projeções do eu. Ao descrever o hiper-real é involuntário associar o mesmo à personalidade narcisista, considerando que é o terreno ideal para a concepção e o agravamento dos transtornos de personalidade. Isto se dá porque a manufatura em escala de signos como papel central na construção de valor nas corporações levou a cultura à uma deflação de sentido. O real tornou-se a representação simulada do real, tragando para dentro de si o campo que pretendia descrever. O Narcisista, como definimos, faz do real um escravo de seu inconsciente instintivo e autorreferencial.

De acordo com Lasch (1979), o transtorno de personalidade narcisista, em especial, chama

a atenção por sua capacidade de manipulação interpessoal, distanciamento de laços com instituições e indivíduos e uma sede contínua de satisfação pessoal por meio da imagem de conquistador do prestígio empresarial. Como se verá mais a frente, a consolidação dos arquétipos narcisistas não se efetiva apenas no meio corporativo, mas tem seu insumo na forma existencial condicionada pela significação corporativa. Em outras palavras, as formas de significação originadas no seio das corporações são a base de compreensão do mundo contemporâneo. A emissão do signo pressupõe a produção de sinais, sua combinação em unidades e sequências expressivas; é neste processo cujo fim é a comunicação que a imagem é produzida (Eco, 1980). Nestas imagens espectrais do modus operandi condicionado pelas corporações que o narcisismo alcança e amplia seu destaque.

Exploraremos em um primeiro momento, como já mencionado, a literatura clínica e sociológica acerca do narcisismo em busca de contornos mais definidos para o objeto de nossa questão. Conjuntamente, pontuaremos em que medida estes contornos se relacionam com a construção do poder por indivíduos narcisistas por meio de arquétipos. Em um segundo momento, daremos atenção para a relação fundação/fundador entre hiper-realidade e narcisismo, em busca de uma compreensão crítica sobre sua origem. Em um terceiro e último momento, retomaremos nosso foco para as relações de poder em torno do espectro narcisista e qual a contribuição da mentalidade corporativa para uma hierarquia de objetos.

2. O OBSCURECIMENTO DO REAL PELO ARQUÉTIPO

A literatura clínica (Sheldon, 1985) acerca dos transtornos psicológicos aponta que a era das neuroses atingiu seu ápice no século XVIII e iniciou uma trajetória descendente em seguida. Os transtornos de personalidade tornaram-se o bastião das enfermidades mentais a partir do Século XX com destaque para o transtorno de personalidade narcisista. Neste espectro, Sennett (1977) argumenta que o ofuscamento da divisão entre meio público e privado destruiu os signos de sociabilidade utilizados no cotidiano colaborando

para o desvio focal de um horizonte real para um prisma mental. Passou-se a crer que ações públicas revelavam características da personalidade privada de seu autor. Daí se deduz a consolidação do culto à autenticidade contemporânea, um apelo romântico à sinceridade e à espontaneidade. Sennett nomeia isto como “Ideologia da Intimidade”, segundo o autor a vida pública torna-se inacessível às custas da superlativação da vida privada.

Lasch (1979), no entanto, pontua que Sennett esquece da influência das forças de dominação política que constituem a experiência de vida privada. Para o autor, culpar a vida privada pela constituição da “ideologia da intimidade” é inverter causa e efeito. Lasch acredita que o culto da autenticidade surge não na constituição da vida privada, mas no seu colapso. É pelo obscurecimento das causas reais do sofrimento coletivo que as forças de dominação forçam uma culpa ao indivíduo por seu papel e status social, fazendo-o crer que o sofrimento social tem antes origem na angústia psíquica que na realidade pós-moderna. Aqueles indivíduos que estão em condições de tornarem-se um arquétipo fazem uso deste recurso e se beneficiam pela influência de uma luz projetada pelos subordinados. É preciso aqui fazer uma distinção fundamental: o narcisista não busca se modelar por meio das figuras que idealiza, para isto seria preciso uma capacidade de negação ou abstenção temporária do eu. Pelo contrário, o narcisista projeta suas próprias virtudes na figura idealizada, buscando similaridades inexistentes como forma de autoafirmação. Não se trata de uma identificação com o arquétipo, mas de uma projeção. O Narcisista é incapaz de se identificar com algo alheio sem antes projetar a si mesmo na imagem idealizada.

Com o fim de esclarecer o que se quer dizer com o termo arquétipo se adotará um exemplo. Um indivíduo exalta sua origem periférica com forma de superação dos limites sociais e incorpora no produto que promove não apenas uma forma de absorção de suas características como a ideia e empoderamento por meio do empreendedorismo. Este é um arquétipo comum entre narcisistas em posições de poder, seja no meio artístico, corporativo ou meramente social.

Segundo Kernberg (1995), o transtorno de personalidade narcisista segrega o meio social em duas grandes divisões: Os grandiosos, celebridades,

ricos de um lado e as pessoas comuns, mediocres de outro. A promoção de produtos em torno de um indivíduo promovido como parte desta primeira divisão, almeja fortalecer esta e incentivar o consumidor a tornar-se parte deste grupo exclusivo. A construção das figuras genéricas projetadas utiliza a amálgama de admiração e ressentimento nutrida pelo narcisista. De um lado ele teme fazer parte da mediocridade, de outro se alimenta de grandes figuras como forma de inspiração e reflexo da sua autoprojeta extraordinariedade. O narcisista em uma posição de destaque acredita deter em si traços de uma autenticidade genuína, assim como aqueles impressionados por essa projeção. No entanto, o que se vê com mais clareza baseado no dito até este momento, é que a figura narcisista encontra facilidade na sua promoção antes na adesão geral a formas de existência genéricas e artificiais. Quanto menos específica for a construção da personalidade projetada, mais facilmente serão impressionados os indivíduos na relação sob essa luz. A consolidação paradoxal destas formas genéricas de existência em torno das posições de autoridade se incorpora na forma espectral de arquétipos narcisistas; edificados em grande senão total medida pela projeção sintética das formas de vivência hiper-reais. Sob este horizonte, ocultam-se todas as características da realidade em torno da autoridade, do exercício do poder e da opressão.

Esse obscurecimento das condições reais pela culpa psíquica incentiva o que Foucault (1976-1978) nomeia como “Empreendedorismo do Eu”. Na conjuntura neoliberal, uma das formas de subjetivação dos indivíduos passa a ser esta, a da caracterização do Eu como um agente de maximização utilitária de Custos/benefícios. Esse culto ao autoaperfeiçoamento, fetichização de virtudes, a ideia de um “eu-todo-poderoso” capaz de moldar ou mesmo ressignificar o real, denotam a pandemia do transtorno de personalidade narcisista que se consolida em um mundo constituído em torno de uma hierarquia de signos hiper-reais.

3. NARCISISMO E HIPER-REALIDADE: UMA RELAÇÃO SIMBIÓTICA?

Conceitualmente, definiram-se os contornos da personalidade narcisista e a “sugestão” contínua do campo contemporâneo, fértil para os transtornos

citados. No entanto, se faz necessária neste percurso a inclusão de uma investigação paralela à nossa indagação inicial: O Hiper-real é fundador ou fundado pelo narcisista? E mais a fundo, essa questão é digna de questão?

Humberto Eco (1980) define o signo como “tudo quanto possa ser assumido como um substituto significante de outra coisa qualquer”. O que isto significa, considerando o contexto pós-moderno? Que uma realidade manufaturada por signos não tensiona apenas representar o real, mas substitui-lo de forma completa. Mais além, o signo não carrega consigo o compromisso com o real, mas tão somente o da significação, por conseguinte, não detém em si compromisso com o verdadeiro. É por isto que Eco propõe que a teoria dos signos seria uma “teoria da mentira”, usada para o fim que sujeito significante propor. Baudrillard (1995), no entanto, propõe o protagonismo das imagens sobre sua fonte originária, onde a simulação projeta sua imagem sintética sobre o real e o carrega para dentro de si, tornando a si mesma e a sua origem indistinguíveis. Vemos que o compromisso das imagens falha não só com o verdadeiro, mas nas próprias fronteiras com o real. É justo, considerando este percurso, dizer que o hiper-real se trata de uma realidade de signos sintéticas?

Posto deste modo, de um lado temos a formulação pós-estruturalista dos signos pela semiótica e a definição Baudrillardiana da simulação de outro. Uma incisão mais profunda na questão que se apresenta nos permite vislumbrar a inutilidade e o absurdo de uma contraposição como esta. A conclusão semiótica de Eco (1984) é a da tese autofágica, onde a questão sobre o signo se apresenta como um paradoxo: o princípio da diferença anula e consome o signo, alimenta e consome sua presença. A contraposição sempre partirá de uma posição e será eternamente dependente em relação a ela, paradoxalmente imersa em uma relação ontológica da linguagem. Esta tese se comunica com Baudrillard na medida em que a estrutura de signos na hiper-realidade não detém mais lugar definido. Precisamos reforçar que nos referimos as concepções mais maduras do autor, na medida em que em *O Sistema de Objetos* (1968) o autor ainda ecoava uma posição assumidamente estruturalista.

Sem muito esforço, fica claro que o simulacro se afasta de sua origem a tal ponto que já não é

nele mais reconhecível seu “traço fundador”. Como então, proceder com a avaliação necessária que propomos? Não é razoável nem prático sugerir isto em termos de definição, mas sim em termos de campo relacional. Se o solo onde se edifica o signo já não é mais reconhecível, nem mesmo a presença (real), já não estamos mais no campo do real, mas no campo da hiper-realidade. Com este percurso traçado, vemos que é impossível responder a investigação paralela a que nos propusemos, considerando que não seríamos capazes de buscar na hiper-realidade traços de seu fundador proposto (a figura narcisista). A realidade simulada é antes um sistema autossuficiente de signos que se retroalimentam e até mesmo criam novos simulacros, que uma entidade dependente de seus fundadores.

Fundador ou simulação, o narcisista tem no hiper-real uma tela espectral vulnerável. Tão incerta e dinâmica não apenas pelo seu próprio funcionamento, mas também pelas projeções de um superego vazio e sedento. Temos então que, apesar de sua paradoxal independência do sujeito, o hiper-real se enevoa e renova ainda mais através da crescente fragmentação da psiquê social promovida pelo narcisismo. Seria então, não uma relação de simbiose, onde há uma dependência fundamental, mas uma relação de protocooperação.

4. A CONTRIBUIÇÃO NARCISISTA PARA UMA HIERARQUIA DE OBJETOS

Tratando-se de líderes narcisistas, Miller e Vries (1990) argumentam que a construção do transtorno de personalidade narcisista tem origem nos objetos internos da mente. Em outras palavras, no conjunto de percepções acumuladas que formam um mapa cognitivo que o indivíduo usa para guiar-se nas suas relações com o mundo. Os autores pontuam que estes objetos influenciam nosso estado afetivo e, conseqüentemente, nossas relações com os outros. Seria então, a ausência de “bons objetos” da consciência a causa do narcisismo patológico. Com objetos Miller e Vries se referem as representações psíquicas que o real nos oferece, como as diferentes formas de educação proveniente da família. Vemos então que esta análise se assemelha com a definição de narcisismo exposta por Jules Henry no início

deste artigo. Os autores que constituem o corpo clínico da literatura sobre narcisismo tendem a centralizar a discussão nos aspectos internos da mente narcisista, enquanto que autores cujo campo de estudo é a liderança narcisista no âmbito da administração, aplicam estas definições no exercício do poder na gestão e interações sociais em indivíduos específicos. Lasch, como já mencionamos anteriormente, expandiu o campo da discussão para as influências que as forças de dominação política exercem sobre o imaginário comum por meio de uma cultura narcisista. A discussão com o autor passou a compreender as formas de expressão culturais não como isoladas na patologia individual, mas como uma expressão cultural e sistemática que engloba também instituições governamentais, a publicidade e a propaganda, política e a própria psicologia clínica.

Vemos então que o narcisismo quando compreendido em uma dimensão social, passa a ser originado não apenas pela ausência de objetos mentais como argumentam Miller e Vries, mais a fundo, em termos baudrillardianos, o narcisismo é causado também pela deflação de sentido propiciada pelo esvaziamento dos signos. Na hiper-realidade não são as operações mentais que regem a orquestração das interações, mas os objetos hiper-reais. Quando falamos de uma hierarquia de objetos, mencionamos uma forma de organização apenas passível de entendimento nos termos do estruturalismo e pós-estruturalismo. Morris (1938) pontua que o estruturalismo é uma teoria da linguagem onde a construção de signos se ergue por meio da diferenciação. Em outras palavras, é pela ocupação semântica de um “lugar” na representação que um termo adquire seu valor signíco. Humberto Eco (1991) explora a relação entre inferência e significação em busca do que nos permite realizar inferências a partir de um signo. Em outras palavras, o que nos permite inferir o fogo a partir da fumaça, a esquizofrenia a partir de seus sintomas e mais importante, a decisão do sujeito de tornar o próprio comportamento em um signo. Esta inferência só é possível a partir de uma sistematização codificada dessa relação, codificada porque precisa estar em uma determinada “justaposição”. Por exemplo, se o fogo se apresenta em conjunto com a fumaça não há campo para o sujeito inferir. Já se apenas a fumaça é visível, o fogo é inferido como fonte

desta. O mesmo se aplica aos signos sociais da vestimenta, da apresentação e articulação social. Aqui uma nova distinção é necessária, a semiótica Sausseriana (1967) entende os signos como uma “entidade dupla-face”, onde os mesmos se desdobram em significante e significado. Compreende-se, então, o signo como um artifício comunicativo e artificial, sem intencionalidade. Nesta categoria se enquadrariam os sinais militares, o alfabeto, a própria forma cadencial das marchas militares. Eco por outro lado, tem mais proximidade com a definição de Peirce (1977), onde se estabelece uma tríade dos signos: Signo, objeto e sujeito. Neste caso há sim uma intencionalidade na emissão das imagens, identificável, mas nem sempre verdadeira. No campo dessa intenção, a contribuição de Goffman (1969) é fundamental por determinar uma combinatória dos signos, na medida em que o autor conclui que em um campo onde as reações são antecipadas antes mesmo de sua efetividade, o mesmo pode ser nomeado como um “campo de interações estratégicas”, onde cada ação é calculada mentalmente antes de sua execução. Utilizemos de um exemplo literário presente no relato de Chalamóv (2016), nele um prisioneiro de um campo de concentração contrai voluntariamente sua coluna de forma a deformá-la ao longo dos anos, assim o mesmo seria liberado de suas funções por invalidez e encaminhado a unidade hospitalar. Temos que a intenção que o destinatário atribui ao emitente produza o efeito do diagnóstico falso: o emitente exibe um comportamento falso e o destinatário pode ou não se convencer da intenção emitida. O sintoma, neste caso o signo, está sendo usado para mentir, mas poderia também ser verdadeiro, caso o paciente realmente apresentasse os sintomas que emula. Em outras palavras, o signo não detém consigo compromisso com o verdadeiro, mas a mera característica de emissão da imagem atribuída pelo emissor. É por este motivo que Eco menciona que a Semiótica seria uma Teoria da Mentira. O que é usado para mentir pode também ser usado para reproduzir a verdade, mas não o inverso.

O indivíduo narcisista, utilizando-se da mentalidade combinatória de risco/benefício, avalia imaginariamente cenários possíveis para a composição adequada de signos de modo a atingir seus fins. Por constituir-se como uma personalidade manipulativa, é possível inferir os efeitos de tal

uso na constituição das convenções semióticas, em um esforço de transformação da falsidade em verossimilhança. Isto é particularmente visível no esforço publicitário na elaboração do valor-signo atribuído as mercadorias, segundo Baudrillard, seu valor distingue-se não pela seu valor-uso ou valor-troca, mas por sua capacidade de diferenciação dos demais objetos. O valor-signo subordina todos os demais valores e se coloca como forma determinante da avaliação de valor social. Como argumentamos, o traço-fundador desta constituição não é passível de verificação, mas é sim possível distinguir que o próprio esvaziamento identitário do narcisista reflete no vazio da mercadoria publicitária. Sua auto projeção em um sistema onde os objetos são o signo maior de diferenciação, faz o indivíduo ser reconhecido não pela sua identidade, mas pelo valor-signo da mercadoria onde ele acredita refletir sua própria imagem. Nota-se então que a constituição nefasta de um sistema de objetos pelas corporações se dá pelo esvaziamento do próprio signo, não sem antes tratar do esvaziamento do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, THEODOR W. **A Dialética do Esclarecimento**. Zahar; 1ª edição, 1985.
- BAUDRILLARD, JEAN. **Simulacra and Simulation**. University of Michigan Press, 1995.
- _____. **O Sistema de Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- CHALAMÓV, Varlam. **Contos de Kolimá: A Margem Esquerda**. Editora 34, 2016.
- ECO, HUMBERTO. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- _____. **Semiotics and the Philosophy of Language**. Bloomington, IN: Indiana University Press, 1984.
- _____. Trad. M. Fabris; J. L. Fiorin. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1991.
- FOUCAULT, Michel. **Un syst`eme fini face `a une demande infinie**. In: Foucault M (ed). *Dits et Ecrits*: vol. II. 1976–1988. Paris: Gallimard.
- _____. **Naissance de la Biopolitique**. 1978-1979 Paris: Gallimard/Éditions du Seuil.
- GOFFMAN, Erwin. **Strategic Interactions**. University of Pennsylvania Press, 1969.
- HENRY, JULES. **On Sham, Vulnerability and Other Forms of Self-Destruction**. Vintage; 1st edition , 1973.
- MILLER, Danny; VRIES, Manfred. **Narcisismo e Liderança: Uma Perspectiva de Relações com Objetos**, 1990.
- MORRIS, Charles. **Foundation of the Theory of Signs**, University of Chicago Press, 1938.
- NÖTH, Winfried. **Umberto Eco: Structuralist and Poststructuralist at Once**, 2017.
- KERNBERG, Otto. **Borderline Conditions and Pathological Narcissism**, 1995.
- LASCH, Christopher. **Culture of Narcissism**, 1979.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo, Perspectiva, 1977.
- SAUSSURE, Ferdinand De. **Cours de Linguistique Generale**, Bari: Laterza, 1967.
- SENNETT, Richard. **The Fall of The Public Man**, 1977.
- SHELDON, Bach. **Narcissistic States and the Therapeutic Process** J. Aronson, 1985